



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15548 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT13 - Educação Fundamental

Processos de Inclusão/Exclusão de Estudantes Neurodivergentes no Ensino Fundamental
 Elizelma Santos da Silva Sousa - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
 Charles Maycon de Almeida Mota - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

PROCESSOS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO DE ESTUDANTES NEURODIVERGENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a neurodiversidade têm se mostrado desafiadores, especialmente no âmbito educacional, por ser um campo novo e em crescimento, destacando-se pela necessidade de aprofundar o debate. A neurodiversidade agrega valor à perspectiva anticapacitista e à interseccionalidade, sendo que este último conceito tem raízes no feminismo negro e busca compreender as múltiplas formas de opressão.

Esta pesquisa objetiva compreender as concepções de duas professoras do Ensino Fundamental sobre a inclusão/exclusão de estudantes neurodivergentes nas escolas públicas de Várzea do Poço-BA, analisando como essas experiências podem se transformar em práticas de autoformação.

Ancorada na Pesquisa Narrativa, com base na fenomenologia e hermenêutica, utilizamos entrevistas narrativas como dispositivo e a análise compreensiva-interpretativa. O estudo foi realizado em duas escolas da rede municipal com maior incidência de estudantes neurodivergentes.

O texto está dividido em duas partes: a primeira discute as trajetórias de vida e formação docente, enquanto a segunda analisa como as professoras vivenciam a inclusão sob a perspectiva da neurodiversidade e interseccionalidade.

Os resultados indicam a necessidade de remover barreiras impostas pela sociedade neoliberal, valorizando as potencialidades dos estudantes neurodivergentes e promovendo uma educação inclusiva e equitativa, com formação docente reflexiva como elemento crucial.

2 DESENVOLVIMENTO

Na atualidade, temos presenciado inúmeros debates em prol da desconstrução de conceitos que têm colocado em questão as estruturas de poder que atendem às ideologias da classe dominante. Devemos esse feito a diversos movimentos, cujo viés político tem representado os grupos historicamente excluídos.

O movimento da neurodiversidade, apesar de recente, tem ganhado força, em especial, pelo reconhecimento do sujeito neurodiverso, fazendo uma contraposição às ideias capacitistas que concebem ao mesmo uma vida de fracassos.

Tem sido um desafio trazer a discussão sobre a neurodiversidade para o campo educacional por ser um tema relativamente novo, mas também bastante promissor, pois o debate está se aprofundando e os pesquisadores neurodivergentes estão de alguma maneira bastante engajados na luta pela inclusão.

O movimento da neurodiversidade, liderado por autistas de alto funcionamento, vê o autismo como uma diferença humana que deve ser respeitada, semelhante a outras diferenças, como as sexuais e raciais (Ortega, 2008).

Dentre as raras produções sobre o tema em questão temos também a obra de Abreu (2022), “O que é neurodiversidade?”, que aborda o conceito e traz um diferencial quando explica de maneira mais detalhada e nomeia como neurodivergentes as pessoas que apresentam condições como o autismo e o TDAH, assim como outras variações naturais da cognição humana.

Tendo como proposição a interlocução entre os temas sobre a inclusão, neurodiversidade e interseccionalidade, essa pesquisa recorre aos estudos culturais por trazer uma melhor compreensão sobre os processos de inclusão/exclusão dos estudantes neurodivergentes em sala de aula.

Estes estudos apontam que a identidade está completamente enraizada às determinações da sociedade, e nesse sentido, Stuart Hall (2000) nos faz pensar que não vivemos uma identidade pura, quando afirma que “[...] as velhas

identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7).

A ideia de identidade como algo não fixo contribui para a pesquisa ao reconhecer que as identidades dos estudantes neurodivergentes são fluidas e tecidas por contextos sociais e educacionais, permitindo uma abordagem mais inclusiva e dinâmica nas práticas pedagógicas.

2.1 Percurso metodológico

Para compreender os modos de ser e fazer docente, baseamo-nos na hermenêutica e fenomenologia, compreendendo os sujeitos no espaço, nas suas relações e existências. A pesquisa explora a autobioformação, conforme Mota (2023), que propõe a construção de novos saberes a partir do desvelamento do ser-docente, promovendo a reflexão sobre a docência e a inclusão/exclusão de estudantes neurodivergentes.

Utilizamos a entrevista narrativa como dispositivo de pesquisa e a análise compreensiva-interpretativa. O estudo foi realizado em duas escolas municipais de Várzea do Poço-BA^[1], envolvendo duas professoras do Ensino Fundamental. O fato do feminismo negro ter inspirado a realização desse estudo, utilizamos codinomes das intelectuais Sueli Carneiro^[2] e Conceição Evaristo^[3] para as colaboradoras.

Sueli, 49 anos, licenciada em Ciências Biológicas, atua há 30 anos como docente, atualmente é professora de Ciências Naturais e possui experiência na gestão da educação municipal. Conceição, 37 anos, licenciada em Pedagogia, atua há 7 anos e é professora do primeiro ano do Ensino Fundamental.

A apresentação das colaboradoras visa introduzi-las antes das análises teóricas e suas trajetórias de vida-formação-profissão. Uma das autoras também é professora de estudantes neurodivergentes, empregando a autorreflexão para compreender a prática docente.

As narrativas das professoras revelam histórias de vida, onde cada uma atribui novos significados às suas experiências. O pesquisador e a pesquisadora reinterpretam esses relatos durante a narrativa e reflexão, destacando a importância das professoras como protagonistas de suas histórias.

2.2 Como cheguei até aqui: Narrativas docente sobre a trajetória de vida-formação-profissão

Inspirados por Martin Heidegger em "Ser e Tempo" (2005) e Paul Ricoeur em "Tempo e Narrativa" (2010) exploramos como o ser humano se entende e projeta no mundo. Utilizamos a metáfora da "Tecelã da Existência" para ilustrar a interconexão entre vida, formação e profissão. Cada indivíduo tece o tecido de sua existência, entrelaçando passado, presente e futuro, refletindo autenticidade e inautenticidade.

As trajetórias das professoras colaboradoras mostram como o contexto sociocultural molda suas escolhas e oportunidades. Sueli, por exemplo, começou a lecionar após substituir sua mãe por motivos de saúde, continuando na sua comunidade após ser aprovada em concurso público, realizando seu sonho de ser professora. Conceição, por sua vez, narrou sua trajetória desde a escola multisseriada do campo como estudante até sua formação acadêmica, refletindo um compromisso ético e profissional com a docência.

Essas narrativas não são apenas eventos lineares, mas uma construção temporal onde experiências passadas influenciam as decisões presentes e projeções futuras. Analisar as histórias das professoras Sueli e Conceição sob a luz da autobioformação (Mota, 2023) revela como essas experiências formam práticas transformadoras na docência, pela reflexividade da ação.

Através das narrativas é possível compreender e organizar as experiências temporais, percebendo que as nossas narrativas enquanto educadoras, estão imbuídas das experiências de vida, concepções de mundo e práticas pedagógicas. Assim como Ricoeur (1994) vê a narrativa como uma ferramenta para configurar o tempo e dar sentido à experiência, nós enquanto docentes utilizamos nossas histórias para contextualizar e refletir sobre nossas práticas docentes e os desafios da inclusão.

2.3 Narrativas docente sobre os processos de inclusão/exclusão de estudantes neurodivergentes: Quais experiências tenho produzido?

Os debates contemporâneos desafiam as estruturas de poder e as ideologias dominantes, com movimentos como o da neurodiversidade ganhando força ao reconhecer sujeitos neurodiversos e se opondo ao capacitismo. A pesquisa aborda inclusão, neurodiversidade e interseccionalidade, utilizando os estudos culturais para entender a inclusão/exclusão de estudantes neurodivergentes.

A identidade é influenciada pelo contexto sociocultural, como argumenta Stuart Hall (2000), que a vê como algo em constante transformação. A neurodiversidade, vista como diferença humana, é defendida por neurodivergentes e explicada em detalhes por Abreu (2022). A professora Conceição adapta práticas

pedagógicas para reconhecer e valorizar as habilidades únicas dos alunos neurodivergentes.

A interseccionalidade ajuda a compreender as múltiplas opressões que estes estudantes enfrentam, como as dificuldades socioeconômicas e a falta de recursos específicos. Conceição destaca a vulnerabilidade dos alunos e a necessidade de formação adequada para atendê-los. O anticlassismo luta contra desigualdades socioeconômicas, buscando acesso igualitário à educação de qualidade.

Sueli narra suas experiências com alunos com deficiências, destacando a importância de uma abordagem inclusiva e a conscientização sobre as múltiplas identidades. A interseccionalidade entre neurodivergência e status socioeconômico mostra como práticas pedagógicas inclusivas devem considerar essas dimensões para promover um ambiente educacional justo e equitativo.

Uma das experiências que venho desenvolvendo recentemente e que já consigo perceber que está fazendo diferença na vida dos alunos é uma proposta que considera o princípio da inclusão desde a organização do trabalho em equipe para que os alunos se ajudem mutuamente, onde as equipes são organizadas a partir da perspectiva do acolhimento, através do diálogo com os líderes da equipe os mesmos passam a acolher os colegas, e nesse processo respeitam a diversidade, o tempo e o modo de aprendizagem de cada um, e assim, vão percebendo como mesmo sem a leitura e escrita convencional todos tem a capacidade de compreender os conteúdos (Entrevista narrativa, 2024).

No sentido de promover uma educação inclusiva, a professora Conceição destaca a importância de adaptar práticas pedagógicas para valorizar as habilidades únicas dos alunos: “É preciso que o professor desenvolva atividades, visando as potencialidades de cada aluno. Pretendo aprender Libras, entender mais sobre Autismo e TDAH para melhor contribuir com a aprendizagem dos alunos” (Entrevista narrativa, 2024). Ela observa ainda, que muitos alunos enfrentam vulnerabilidade socioeconômica e necessitam de um diagnóstico adequado e de formação específica para professores.

Os relatos das professoras Conceição e Sueli revelam tanto as dificuldades quanto as estratégias para a inclusão de alunos neurodivergentes. Ambas as narrativas enfatizam a importância da interseccionalidade, demonstrando como as múltiplas formas de opressão afetam a inclusão dos alunos. As experiências compartilhadas mostram a complexidade da inclusão educacional e a necessidade de práticas pedagógicas que considerem as múltiplas dimensões de identidade e contexto social para promover um ambiente educacional justo e equitativo.

2.3 Resultados e discussões da pesquisa

As narrativas evidenciaram a necessidade de uma abordagem interseccional quando tratam do reconhecimento das múltiplas identidades em sala de aula e do impacto que apresenta o contexto socioeconômico dos estudantes. Muitos estudantes neurodivergentes não tem relatórios, ou são diagnosticados tardiamente, se encontrando em distorção série/idade, o que implica que suas dificuldades não foram identificadas e tratadas em tempo hábil.

As professoras colaboradoras ao narrar sobre suas vivências em sala de aula deixam transparecer como a interseccionalidade entre a neurodivergência e o status socioeconômico impacta a educação e o desenvolvimento dos alunos, criando barreiras adicionais para sua inclusão e sucesso como as práticas. Elas demonstram como as pedagógicas inclusivas devem considerar as múltiplas dimensões de identidade e contexto social para promover um ambiente educacional justo e equitativo.

A colaboração das professoras Sueli e Conceição também indica princípios importantes conforme apontados por Bell Hooks ao conceber a educação como ato político. Ambas abordam sobre as suas buscas incessantes pela transformação da prática pedagógica, promovendo o empoderamento dos alunos, considerando e enfrentando os desafios da inclusão educacional, bem como, adaptando as abordagens pedagógicas para atender às necessidades específicas de cada estudante.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da premissa de que agregar o objetivo da neurodiversidade à proposta escolar será um movimento de grande potência na quebra do estigma existente, no sentido de perceber a neurodivergência de forma positiva. Isso contribui para a construção de um sistema educacional que não apenas acomoda, mas valoriza as diferenças, reforçando a ideia de que todos os alunos têm algo valioso a oferecer.

Diante do estudo realizado, é crucial considerar a relação potencial entre a perspectiva da neurodiversidade, que valoriza a diferença, e a interseccionalidade, proposta pelo movimento feminista negro. Essa abordagem reconhece que as pessoas enfrentam opressões múltiplas e sobrepostas, baseadas em categorias como raça, classe, gênero e deficiência. Tal integração de perspectivas promove uma compreensão mais abrangente e inclusiva das complexas realidades vividas pelas pessoas neurodivergentes.

Conforme a construção de pensamentos constituídos a partir de leituras e

diálogos sobre a compreensão dos/as professores/as em relação aos processos de inclusão/exclusão de estudantes neurodivergentes e dos estudos sobre a neurodiversidade e interseccionalidade como possibilidades de inclusão, reiteramos a importância da reflexividade da prática pedagógica pelo desvelamento do ser-docente como propõe a autobioformação.

Devido à dimensão do tema, esse estudo não conclui a pesquisa, mas revela que é imprescindível a retirada das barreiras impostas pela sociedade enredada pelo capitalismo neoliberal, a começar pela barreira das crenças, reconhecendo e valorizando os estudantes neurodivergentes por suas potencialidades em consonância com a interseccionalidade para promover uma educação inclusiva e equitativa que considere cada estudante com suas multidimensionalidades, tomando a formação docente a partir da reflexividade da prática como elemento crucial.

REFERÊNCIAS

ABREU, Tiago. **O que neurodiversidade?** [livro eletrônico] Goiânia: Cânone Editorial, 2022.

AKOTIRENE, Karla. Interseccionalidade. São Paulo: Polém, 2019. 150 p.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/EFU. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GESSER, Marivete; BLOCK Pamela; MELLO Anahí Guedes de. Estudos da deficiência: interseccionalidade, antipacitismo e emancipação social. In: **Estudos da deficiência: antipacitismo e emancipação social** / Marivete Gesser, Geisa Letícia Kempfer Böck, Paula Helena Lopes (organizadoras) – Curitiba: CRV, 2020. 248 p.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Tradução revisada Marcia Sá Cavalcante Schuback; Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/varzea-do-poço.html>. Acesso em: 02 de jul. 2024.

IVENICKI, Ana; CANEN, Alberto Gabbay. **Metodologia da Pesquisa: rompendo fronteiras curriculares**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2016.

MELLO, D.; MURPHY, S.; CLANDININ, J. **Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores narrativos**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 565–583, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n3.p565-583. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3006>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MOMBERGER, C. D. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

MOTA, Charles Maycon de Almeida. **Autobioformação: processos formativos constituídos e redimensionados pelo vivido**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, 2023, v. 08, n. 23, p. 01-15, e1108, abril, 2023.

ORTEGA, Francisco. **Deficiência, autismo e neurodiversidade**. Em: Ciência & Saúde Coletiva, volume 14(1), p. 67-77, 2009.

ORTEGA, Francisco. **O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade**. Mana, v. 14, n. 2, out. 2008.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação: a gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, mai./ago. 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo I). Tradução Constança Marcondes Cesar. v. 2. Campinas, SP: Papirus, 1994.

SILVA, F. O. da. **Tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa qualitativa**. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 15, p. 1–15, 2019. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.12960.006. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12960>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SILVA, Luna Layse Almeida da; SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SALVADORI, Juliana Cristina. Diversidades, diferenças e diferença no território escolar: cartografias iniciais. In: **Diálogos e Diversidade**, Jacobina - Bahia - Brasil, v. 1, n. e13175, p. 01-23, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rdd/article/view/13175>. Acesso em 15 ago.2022.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012

VÁRZEA DO POÇO (BA). **Decreto-lei n. 09, de 19 de junho de 2015**. Plano Municipal de Educação. Arquivo da SME/Várzea do Poço-BA. 2015.

[1] Município localizado no semiárido nordestino, 13ª micro região de Jacobina e na mesorregião do centro norte baiano no território da Bacia do Jacuípe, limitando-se com os municípios de Serrolândia, Mairi, Piritiba, Miguel Calmon e Várzea da Roça, distando 331 km da capital do Estado, o acesso se dá pelas rodovias BA-417, BR-324 e por várias estradas vicinais, possui quatro povoados: Nova Esperança, Barra Nova, Itapoan e Itapemirim, a economia está baseada na agricultura familiar e pecuária (VÁRZEA DO POÇO, 2015). Possui uma população de 8.101 habitantes, renda per capita de 2.671,00, PIB per capita de 12.564,74 e IDH é de 0,575 (IBGE, 2022).

[2] Filósofa, escritora e ativista brasileira, conhecida por seu trabalho na defesa dos direitos das mulheres negras e na luta contra o racismo estrutural. Adaptado de informações disponíveis em Geledés Instituto da Mulher Negra.

[3] Escritora e ativista brasileira, reconhecida por suas obras que exploram as experiências e histórias de mulheres negras no Brasil. Adaptado de informações disponíveis em Geledés Instituto da Mulher Negra.